

A LAGRIMA

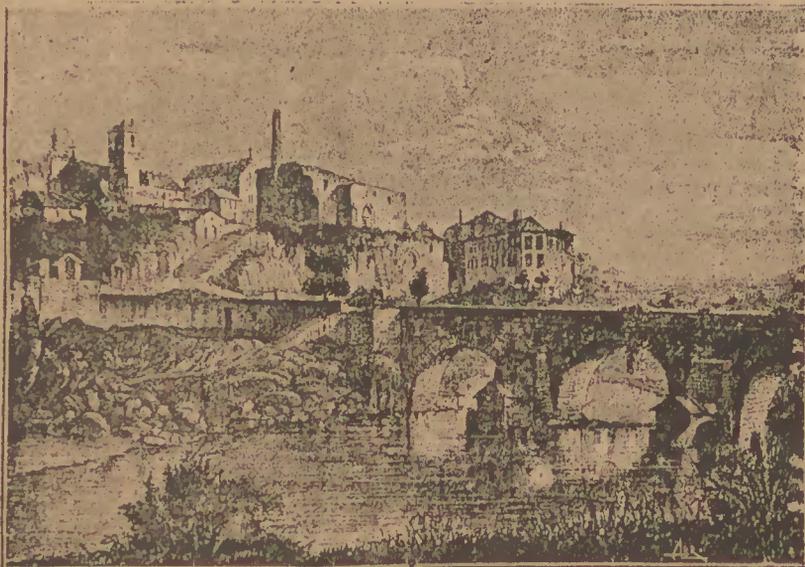
Quinzenario illustrado

Ed. resp. Marcos E. G. de Carvalho

Barcellos, 20 de dezembro de 1903

Red. e offic.: Typographia Barcellense

Anno, Barcellos, 480; Provincias, 600



RUINAS

Quantas vezes, ao contemplar essas pedras negras que o tempo fôscou, eu sinto que uma vaga saudade me commove, que uma especie de ternura me impressiona,

Ruinias !

Acastellam-se, alli, dominando as aguas do nosso Cavado que, rente a seus pés, ora muge tormentoso e impotente, ora sussurra docemente a canção mysteriosa que embala a alma dos poetas e que é o encanto da natureza.

Eu tenho quasi que adoração pelas ruinas que representam um facto historico.

E em noites de luar formoso, em que ellas recortam perfis melancolicos, eu julgo ouvir balladas d'algum pagem namorado, na ancia suprema d'alguma castellã vaporosa, alvorecendo n'uma gelosia antiquada.

Outras vezes, á luz d'um ponte que morre, ellas surgem-me como um gigante ensanguentado, lançando, n'um derradeiro adeus, o olhar por sobre os dominios tão bellos, tão lindos, e de que elle era arrogante senhor.

E agora, que a bruma lhe veste a sua tunica lacrimosa, ellas dão me a nitida impressão da sua viuvez, essa amargura que nada eguala, esse pranto que nada sécca.

Pesa, por sobre ellas, a nostalgia dos desterrados, e essa plumbea dor d'alma, que, ás vezes, nós julgamos palpar nas coisas inanimadas, n'um mysterio de ignoto sentimento.

Na sua vetustez secular, está profundamente vincada a ironia do tempo — que despedaça o mais forte, imprimindo lhe a *silhouette* sombria

do aniquilamento.

A tristeza das coisas mortas, a tristeza das coisas idas !

E docemente, inconscientemente, o meu espirito ala-se, como n'um sonho feliz, abraçando chimeras que são o passado, esse passado de fausto que abroquelava de tapeçarias orientaes as tristes ruinas, hoje tão pobres, hoje tão núas.

E alli estão, altivas e nobres, como que a lançar ao Céu a queixa amarga da sua desolação— o dolorido accento do despreso a que votadas,

Quem vos diria, —oh! pobres abandonadas— em tempos de maior fulgor, quando nos salões gemia uma bandurra, no fogão ducal o rugoso, tronco estralejava, quem vos diria a que estado decadente chegarieis, vós, ruinas avoengas d'um throno?

Qualquer dia, talvez breve, o progresso, a civilisação que não respeita a tradição, escarrarvos-ha no rosto avelhentado e alquebrado, algumas colheres de barro, alguns saccos de cal; e vós, a epopeia antiga, que ainda sois soberbas na vossa ruina, desmaiareis para sempre, brancas de vergonha pelo supremo insulto.

A. Braz.

A LAGRIMA

VERSOS INTIMOS

A' alguém

I

*Eu tinha um ideal na minha mente
—Um mixto de belleza e de bondade—
Que elevava a minha alma, docemente,
Aos páramos azues da immensidade,
A's regiões serenas do luar.
E, sonhando mil loucas phantasias
Num constante é etherco divagar,
Assim andava entre essas utopias
Suave e docemente inebriado.
Vivia só pr'a mim e pr'a o ideal
Que tinha o meu espirito embalado
Num grande sonho—immenso e divinal.
Jamais alguma vez tinha soffrido
As angustias do amor—esse mal
De tanto coração estremecido.*

II

*Um dia—a vez primeira que te vi
A' luz que da minha alma irradiava,
Nem eu sei dizer bem o que senti.
Par'ceu-me que de mim se apoderava
Essa vertigem que a fugaz ventura
Produz nos corações habituados
A viver no deserto da amargura.
O ideal que, em sonhos encantados,
Na mente se me tinha desenhado
Desapparecera; como ao romper
Claro do sol, o escuro é dissipado.
E em ti eu comeci então a ver
Uma imagem d'esse ideal sonhado
Que, em horas de dulcissimo prazer,
Tinha a minha alma triste illuminado.*

III

*Depois, desde esse dia em que te vi
E que tu me deixaste fascinado,
Só eu sei, só eu sei o que soffri.
Quanta dor, quanto pranto derramado!
Não pode haver pr'a mim mais cruel soffrer
Nem a desgraça maiores golpes tem
Do que adorar-se alguém, sem se saber
Se esse alguém nos adora a nós também.
Mas, olha, se este sacrosanto Amor
Não é p'ra ti um symbolo de Verdade.
Diz-me o que hei-de fazer; seja o que for
Para provar-te a sua immensidade.
E, mesmo sem saber se poderei
Fazer o que á lembrança mais te agrade
—Embora! pede, manda—*

Eu tentarei!

17—12—903.

Ego.

A NOSSA GRAVURA

Publicamos hoje uma gravura das ruinas dos Paços dos Duques de Bragança, reproduzida d'uma bella photographia antiga, tirada ainda no tempo da ponte velha.

PERFILÕES MASCULINOS

Tem no rosto a côr que enfeita
os altos montes, agora;
na reputação, ha o brilho
das fulgurações da aurora.

Leal, modesto, sincero,
presta um culto devotado
às exigencias da moda,
em que é um modelo acabado.

E' empregado na Camara
muito correcto e zeloso;
e nas coisas litterarias
é um amator cuidadoso.

Móra por cima do Banco
dormindo sobre o dinheiro,
no que é, não ha que negá-lo,
um felizão verdadeiro.

E consta que já sonhara
certo dia, casualmente,
que se achava repimpado
na burra pançada e ingente.

Como é tempo de consoadas,
ganhas, leitor, um *marmello*,
se adivinhares quem é
o heróe d'hoje.

Augusto Mello.

Um punhado de mentiras

Um labroste de S. Martinho d'Alvito—na ultima quinta-feira—surprehendeu um ratão a abraçar lhe a mulher, uma moçoila muito gentil.

—Então, olé, que trabalho é esse, amigo?

O galanteador ficou muito atarantado e lembrou-se de lhe dar duas meias libras em ouro, para o calar.

—Mas... que quer dizer você com esse jogo? retorquiui-lhe o marido.

—E' que eu jogo ouros...

—Pois eu jogo paus...

E deu-lhe duas pauladas tezissimas.

*

Na papelaria Soucasaux.

O empregado mostrando uma collecção de chromos:

—V. Ex.^a não se tenta?

—Nem... oitenta.

A LAGRIMA

A taluda

Diz o philosopho que a esperança é a ultima coisa que a morte apagal

Nós, acreditamos piamente, e, n'uma previsão estontante, acariciamos um soubo feito d'onro, onde uma fada encantada—a vestal formosissima—nos atira ás fauces do nosso desejo o purissimo metal divino.

E n'esta ancia, n'este anhele, milhares de crentes se voltam para ti, oh! Sorte, n'uma invocação accendrada, n'uma devoção fervente.

E tu, a sempre desejada, a mais bella entre as bellas, a sorrir e sempre esquiua, desabrochas no peito do feliz a alegria, e semeias a desillusão no desgraçado.

Agora, sempre e todos os annos, ouvimos dizer, entre um suspiro e um esgar esperançoso— «se me sahisse a sorte Grande?!...»

E ella, a borboletear, entremostrando-se em ninbos de luz deslumbrante, foge sempre, como a linha do horizonte, como um iris formoso.

Nós, n'esta refrega durissima da vida, n'esta labuta ingente, temos, oh! Sorte, mais do que ninguem, direito á tua visita.

Vamos! de chapou na mão esperamos o teu carro triumphal.

O Vergelim

Quem é que não tem namoro ou pelo menos vontade de o ter?

Algum velho tropego, rhêumatisado até aos ossos...

Alguma mulher desprotegida da natureza, com um rosto dizno de figurar em castão de bengala ou em illustração nas paginas do «Seringador»...

Porque, quem estiver na flôr dos annos, a saude lhe espirrar pelos narizes, ha de por força, e não por geito, namorar!

Pobres e ricos, nobres e plebeus, raros são os que não tem um rosto com quem troquem sorrisos.

Ora pois...

E é assim que o Vergelim, sentindo se criança, cheio de vida, moço, bonito, ama a mais bella, a mais chiquerrima moçoila (embora fosse feia, quem ama acha sempre linda a cara da Dulcinea), filha das poveiras ondas.

Vergelim, tem, porém, um Cabo das Tormentas a vencer. A difficuldade de estar em relação constante com a sua mais que tudo, visto que a Barcellos não chegou ainda o telegrapho sem fios.

O nosso amigo é analfabeto!

Demais, se o Vergelim fosse patriota, se podesse ter escolhido uma barcellense para sua eleita, teria-a ahí á janella ou postigo d'alguma

casa e, com simples signaes correspondia-se com ella, sendo-lhe, portanto, desnecessario saber ler.

Por exemplo:

Guarda-chuva debaixo do braço: amor firme; forros dos bolsos do fato tirados para fóra: *depenação*; chapou enterrado até ás orelhas: «desejo-te fallar»; fumo do cigarro pelo nariz: «o pae está em casa?»; jempiscadella dos dous olhos: «adeus... amor».

Porém, como não pode realizar isto intramuros, tem o Vergelim de recorrer á escripta: isto é—confiar os segredos, pertença legitima de dous corações, a um terceiro, e «segredo de tres... o diabo os fez.»

Assim, por esta força de circumstancias, requereu o auxilio d'uma menina, que obsequiosamente se prestou a collaborar em tão sympathico namoro, escrevendo promptamente a adoravel e perfumada missiva.

O nosso protagonista tinha passado dias e dias a distender folha, divagante, absorto, olhando para dentro, a ponto de o martello surprehender os dedos contra a bigorna e o pobre rapaz «ver as estrellas», em vez de a ver a ella. E devido este estado a que? A andar a architectar palavras bonitas, que traduzissem fielmente o seu estado de alma, affogeadado pela mais terna das paixões!

*

—«Menina: ponha lá mais isto na carta, agora mais aquilo, depois ainda mais aquelo outro».

E a pequena foi escrevendo, escrevendo folhas de papel e ia já caminho de resma e meia, quando um intruso que tinha ouvido o ditado do Vergelim — que no seculo se chamou José Carvalho — disse, sem este perceber, ao ouvido da escrevente:

—«Accrescente á carta: *meu caro amor, vê se podes cá vir na proxima quinta-feira, sem falta*».

Ora, dito e feito. A menina impingiu o pedido, mercê da ignorancia do Vergelim.

*

No penultimo dia de mercado encontrava-se o José a fazer vendagem de artigos de latoeiro, que manipula com muita solidez e elegancia e vê ao longe *verdejar* a namorada. A impressão de espanto e a commoção de alegria foram tão grandes, que Vergelim, avançando em direcção á amante, nem deu por um cantaro que tinha deante de si, pois que passou por cima d'elle, qual locomotiva possante, deixando-o em mostarda.

Deixemos, agora, por um pouco os dois, que fallam em segredo.

A LAGRIMA

*
Dá meio dia nas egrêjas. José em vez de convidar a sua Julieta para jantar consigo, é ella que o convida; «anda o carro adeante dos bois»... Não accceita o nosso amigo o convite pretextando ser dia de feira e não poder abandonar o negocio.

Ella vae tomar a refeição e, no fim, quando pagou na hospedaria a conta, pediu uma folha de couve, embrulhou n'ella um pedaço de brôa e veio trazel-a ao Vergelim!!!!

Já se viu prova de amor assim? Já se praticou melhor obra de misericordia?

O MARCOS

Estamos a ver que, em vez de escrevermos — falta de assumpto, será melhor antes — falta de Marcos.

Pois é o que estamos vendo. Quasi em todos os numeros aqui compomos piada d'elle.

*
Ha cousa de um anno morava nos altos da nossa officina de gravura chimica, impressão e agencia de amas de leite, um sr. de sobrenome Corrêa, representante da Companhia Vinicola, perdão... da Companhia Singer.

Esse sr. tinha grandes relações com o Manoel Joaquim da Silva Coutinho — muito zeloso empregado do sr. Falcão —.

Foi até o sr. Corrêa que livrou o Coutinho de soldado raso... de Manhente.

Certa noite dormia na officina o Marcos e altas horas — 1 ou 2 da madrugada — ouviu que se abriera uma porta e logo que uns individuos cochichavam

Approximavam-se elles d'uma porta interior e distinctamente diziam, poucos minutos passados:

— Não, primeiro você.

— Tenha paciencia; pertence ao amigo a vez.

Marcos espregia por o buraco da fechadura e lobriga o Coutinho e o Corrêa, um com um copo cheio de vinho na mão e outro com um candieiro. Pega n'uma tranca e faz tal pancada contra a porta, que, caros leitores, se algum dia ouvistes tiro de peça Krup, o estampido ouvido no silencio da noite, foi equal!!!

O Corrêa larga o candieiro de petroleo da dextra, que se faz no chão em estilhaços, besuntando-o todo e dá a fugir, mas supponho, ás escuras, que sahia para a rua, trepou as escadas da casa até ás aguas furtadas; o Coutinho, esse, deixou o copo de vinho, que se desfez em pó, entornando-lhe na perneira o precioso conteúdo e, na precipitação da fuga, deixa o chapéu, vae de encontro a uma porta de grade, despedaç-a e faz um enorme galo na testa.

Quando chegou á rua, nem quiz saber do chapéu nem do companheiro, que suppoz morto com um tiro de bacamarte. E foi para casa, em vez de procurar a auctoridade...

O Corrêa, esse, esperou que chegasse o dia para sair das aguas furtadas.

*
No dia seguinte tiraram informações na typographia, sobre o estampido, sem resultado. A «Lagrima» desvenda agora o caso. Safa que é de estarrecer!



— Arre! seu burro! Pisou-me, aqui em a callo. Vá correr ao diabo que o leve...

— Desculpe, sr. Não posso afrouxar a mar ha. Atrele-se a mim, se quer, que eu tenho força de cinco cavallos...

— Perdão; mas eu não sou tolo; gosio saber de onde venho e para onde vou.

— Pois vae comigo direito á papelaria Souca-saux — junto ao Café Paula — admirar a grande, a formosa colleção de chromos, chegada aute-hontem directamente da Allemanha, colleção essa como nunca se viu outra em Barcellos, tão rica.

...Homem; mas isso ha-de cheirar ao alho.

— Está você enganado; até por 40 reis pôde comprar um chromo chiz, proprio de boas festas e se você fôr abonado tem-nos até para dez tostões.

— E são só para Boas-Festas?

— Também para Feliz anno, Parabens, Amisade, etc.

— Homem, então chegou-se cá, que eu não quero ir a pé.

— E cousa doce para tomar, tem lá?

— Ha, também. O cacau que não é irritante como o café nem produz embaraços gastricos como o chocolet e... a 180 a lata de 125 grammas e 300 reis a lata de 250 grammas. Mas eu não vou agora ao cacau, mas ás agendas que lá se vendem: Gabinete, a 360 reis; Portuguesa, a 200; Bolsista, a 160; de lembranças (Lopes & C.^a) a 360; idem de Gaspar Pinto de Souza, a 300 reis.